

Conto Infantil

Rei Zumbi e as Sementes do Caxixi



Nelson Avella

2021

1) A SECA

Havia uma vez uma **aldeia** na Mata Atlântica. Muito tempo atrás nessa mata, o grande *Deus do Infinito* pegou uma semente de cada árvore, fez um chacoalho de palha e fechou com um pedaço de barro, fazendo o primeiro caxixi do mundo. Ele chacoalhou e cantou vários sons e então essas sementes viraram crianças. Elas tinham quatro cores: vermelhas, amarelas, negras e brancas. Algumas eram frutos da terra, outras trazidas pelos ventos; algumas brilhavam como fogo por dentro e outras eram tão poderosas como as águas! Elas formaram uma tribo a partir das sementes da natureza: a tribo humana.

A mata onde estava a aldeia era em um lindo vale **ao pé de uma serra**. A serra era tão alta que o **alto** muitas vezes ficava coberto de **névoa**, neblina. As pessoas dessa aldeia sempre se juntavam para aprender um com o outro, tocar música, jogar capoeira. A vida era simples, as famílias plantavam suas verduras, cana, mandioca, boldo, em **hortas comunitárias**. Trabalhavam juntos e obtinham sempre o suficiente para se alimentar. Depois da colheita, tinha uma grande **celebração** com muita comida, samba e até Maculelê com os facões do canavial.

Outra coisa que era motivo de as pessoas se encontrarem era escutar seu líder: um homem chamado **Zumbi**. Ele havia sido escolhido como o líder daquela aldeia por um motivo muito importante. Foi descoberto que ele tinha partes das quatro sementes de cores diferentes. Sim, daquelas sementes que viraram crianças com os sons cantados pelo *Deus do Infinito*. Zumbi tinha uma visão tão clara como o amarelo do sol, sua pele brilhava com um vermelho do fogo, a alma com a força de uma pantera negra e o canto branco como a espuma do mar.

O tempo transcorreu tranquilamente plantando o que se comia e celebrando a vida durante muitos anos. Um dia, porém, veio a **seca**, a terra começou rachar e as plantações e os animais começaram a morrer. A fome se aproximava. A sorte foi que no **alto da serra tinha uma cachoeira e dali descia um riachinho**, que trazia água. Mas mesmo essa água estava diminuindo e em breve não haveria mais alimento. Até as crianças que tinham medo de trovão queriam que voltasse a chover para ninguém ficar com fome. Será que teriam que voltar a viver caminhando como nômades, igual na época que o *Deus do Infinito* criou as crianças de quatro cores?

2) A ESCALADA

Quase todos os dias, Zumbi se sentava de cócoras à entrada da sua cabana, tocava seu berimbau e olhava longamente para o alto da serra. Seus ancestrais tinham vindo dos quatro cantos e ele até se lembrou de uma canção dos tempos antes de sair da África para vir ao Brasil:

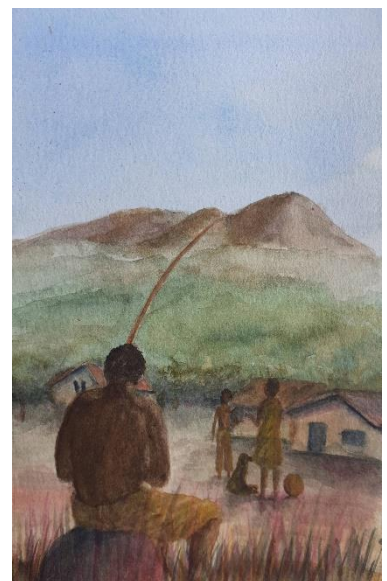
“Ai ai, ai ai capoeira de angola não volta mais

Tá vindo a cavalaria da princesa de angola

Em cada cavalo uma cela, em cada cela uma senhora...

Lá no céu tem três estrelas, todas elas em carreirinha

Uma é sua, outra é minha, outra vai ficar sozinha...”





Às vezes via uma **estrela cadente** passar no alto da serra. Dava a impressão que talvez caísse lá por cima. Se lembrou então de algumas lendas que ouviu quando criança:

“Mula sem cabeça, Cuca vem pegar,

Saci Pererê tá pulando sem parar...”

E outra mais velha ainda: dizia a lenda que **no alto daquela serra caíam muitas estrelas cadentes**. E qualquer um que subisse lá poderia pedir um desejo, que certamente ele se realizaria. Naquele instante, Zumbi pensou: “Vou subir a serra, talvez consiga pedir para chover e não precisamos nos mudar daqui.”

Quando contou sua ideia durante o encontro do pôr do sol, que era realizado todo dia no alto da colina, só as **crianças** se manifestaram: “Rei Zumbi, será que você pode pedir para nós além de chuva, também chocolate, slime, pipa, paçoca e outras coisas boas também? Podemos ir com você?” Todos outros fingiram não escutar ou falaram que aquilo era só lenda do passado.

Mesmo assim, Zumbi começou a escalada sozinho. Os **caminhos foram ficando cada vez mais difíceis no alto**, mas ele queria chegar ao pico da montanha naquela mesma noite! Acelerou o passo, mas sentiu sede e parou para pegar água na trouxa que levava. Quando levantou a cabeça, de repente, viu que havia uma sombra gigante no chão. Virou e deu um grito de susto quando viu um homem muito velho e alto ao seu lado. De onde ele surgiu? Como chegou tão perto sem fazer nenhum barulho? Parecia até o Mestre Bimba, que na roda da capoeira podia ficar grande ou pequeno, aparecer e desaparecer quando quisesse! Estava vestido todo de branco como a espuma do mar, mas sua pele era escura como a noite. Intrigado, Zumbi perguntou:

- “O que é você? Por quê está aqui?”

- “**Eu sou o guardião da Serra dos Palmares**, aqui é minha casa, disse. Escutei o som mágico do berimbau e vim ver quem era. O que você está procurando? Desde os tempos que as sementes viraram crianças de quatro cores, ninguém sobe até aqui!”

- “Eu sou o líder da aldeia do quilombo. Subi porque os antigos falavam que se podia fazer qualquer desejo a uma estrela cadente no alto da serra. Quero pedir chuva porque não temos mais água nem comida nessa época prolongada de seca.”

- “Ah, entendi! Para realizar seu desejo, você precisa primeiro agarrar uma estrela cadente e pegar as sementes do caxixi da esperança.”

- “**Sementes do caxixi da esperança?**” – exclamou Zumbi - “não conheço, mas tenho um caxixi aqui!”

- “Não, esse daí tem sementes de guaraná e açaí, não serve para isso! Cada estrela cadente traz à Terra milhares de sementes do caxixi da esperança, primeiro você precisa agarrá-la, somente então elas entregam as sementes.” - disse o guardião de Palmares e acrescentou: “Não é uma tarefa fácil. Somente aqueles descendentes da tribo humana e das crianças das quatro cores tem esse dom. Eles podem subir na Braúna e segurar uma estrela cadente...”

- **Braúna**, não vem me dizer que isso é uma montanha bem mais alta que essa serra? Perguntou Zumbi se imaginando com as pernas mais doloridas do que já estavam e os ombros pesados e cansados de carregar sua trouxa.

- Não é uma montanha nem serra, é uma árvore! Braúna é uma das árvores mais duras e resistentes do Brasil, e está ameaçada de extinção. Ela tem sua natureza resistente e pode

alcançar até 20 metros de altura. Mas os antigos subiam nela no alto da Serra e conseguiam as sementes do caxixi da esperança. Mas isso já faz muito tempo” - comentou o ancião com certa tristeza.

- Ah, isso deve ser aquela árvore que na capoeira chamamos de Baraúna e é cantada em tantas cantigas:

Baraúna caiu, Baraúna caiu, meu pai

Baraúna caiu, meu pai, Baraúna caiu

Estória de baraúna, É cantada em prosa e verso

Já diziam os mais antigos, Nas rodas dos velhos mestres

Madeira de baraúna, Difícil de derrubar

Mas no jogo de mandinga, Baraúna vai tombar

Pra quem diz que o capoeira, É difícil de cair

É mentira camarada, O meu mestre me disse assim, baraúna

- “Eu já enfrentei muitos exércitos e venci até mesmo meu próprio medo, posso fazer isso!”

- “Muito bem, Zumbi” – **misteriosamente o ancião sabia como ele se chamava!** - “Agora é com você. Talvez você consiga as sementes do caxixi da esperança.”

Zumbi ficou muito feliz e decidiu dormir ali mesmo para prosseguir no dia seguinte. Ele percebeu que era isso que estava faltando ao seu povo: música, luz, esperança! Juntou uns poucos gravetos, acendeu uma fogueira para se aquecer durante a noite e se proteger do vento frio do alto da montanha. Sentou-se ao lado do **fogo**, tirou seu berimbau da sacola e ficou tocando, olhando o céu, como se estivesse chamando uma estrela-cadente:

“Corta cana, corta cana, corta cana

Corta cana no canaviá

Ô estrelinha se tu não fosse casada, eu pegava uma escada e ia no céu pra te abraçar

Se tu juntasse o teu frio no meu calor pedia a nosso senhor para contigo me juntar”



3) O PICO

No dia seguinte Zumbi subiu a serra inteira. Quando chegou ao alto, já estava entardecendo. O pico da serra estava coberto de névoa e o vento era frio. Apesar disto, Zumbi não se importou muito. Levantou os braços quando viu que **uma estrela se aproximava**. Estava certo que já conseguiria as sementes do caxixi da esperança, mas a estrela passou bem longe. Zumbi lembrou então de seu tio **Ganga Zumba**, que ensinou a ele o poder da resiliência. Nada o poderia dobrar! Capoeira é assim: escorrega, mas não cai! Passaram então muitas estrelas cadentes, uma após a outra; entretanto sem chance de segurá-las. Depois de um tempo tentando, Zumbi teve uma ideia genial: e se eu usar o arco



do meu berimbau para pescar essa estrela? pensou. Estendeu bem os seus braços, levantou o berimbau e tentou agarrá-la. A **luz**, porém, era muito intensa e Zumbi teve que proteger os olhos, cobrindo com as mãos. O berimbau caiu e a estrela passou logo acima da sua cabeça.

Desceu então a serra matutando como poderia agarrar essa bendita estrela. Perto de uma baraúna, reencontrou o guardião da montanha. O ancião olhou para ele, viu sua expressão cansada e abatida e disse: “Você não disse que é capoeirista? Já viu uma roda de capoeira com uma pessoa só? Me lembro que os antigos vinham com muita gente. **Você precisa da cooperação de muitas pessoas para esse feito**, mostre aos outros que as sementes do caxixi da esperança servirão para todos, até para quem não nasceu ainda! Convença a todos que devem subir a montanha, brancos, negros, amarelos, vermelhos, todos!”.

Zumbi terminou a descida da serra e depois de conversar com várias pessoas, conseguiu que uma de suas melhores amigas, **Dandara**, aceitasse fazer a caminhada com ele até o alto da montanha. Mas eles sabiam que não conseguiriam sozinhos também. Zumbi e Dandara começaram a conversar com as famílias da aldeia. Havia aqueles que não acreditavam e achavam que nada daria certo. O problema da falta de chuvas aumentava, cada vez havia menos água, o riachinho diminuía seu caudal e, em breve, eles não mais conseguiriam plantar seus alimentos- era só reclamação. Como havia bem pouca água para beber, e em pouco tempo começariam a passar **fome**, depois de muita conversa e esforço, Zumbi e Dandara conseguiram que várias pessoas concordassem em subir com eles. As crianças, porém, eram as mais animadas: “Eu posso andar até a lua”, falou uma, enquanto outra perguntava “vai ter lanche com chocolate lá em cima?”.

No meio do caminho, encontraram de novo o guardião, que lhes disse: “Que bom que vocês vieram em maior número! Mas agora **precisam trabalhar juntos**. Alguns de vocês precisam fazer música: com o berimbau, o pandeiro, o atabaque, o triângulo e a sanfona. Outros devem bater palmas e cantar, enquanto Rei Zumbi e a Princesa Dandara jogarão capoeira nos toques da Regional”.

4) A SEMENTE

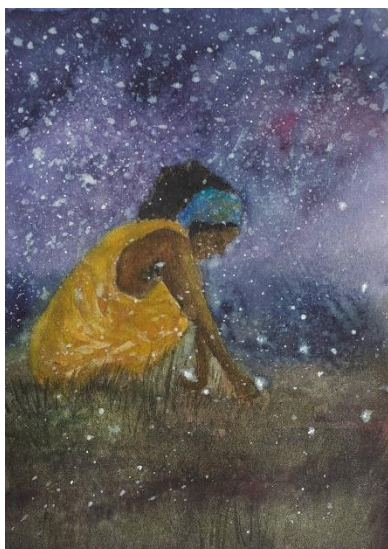
Depois de uma longa caminhada tocando samba, jongo e até forró, chegaram ao **cume**. Um grupo começou a tocar o toque de lúna da capoeira. Zumbi e Dandara, no centro, soltavam o jogo e seus corpos pareciam mágicos. Era cada pernada rápida e sincronizada que até distraía a bateria de fazer sua função. Mas o berimbau bateu ritmado com o atabaque e o pandeiro, o agogô se animou e o reco-reco fazia za-zu-za-zu-zaaa-zu! A energia foi subindo e as estrelas foram se aproximando mais e mais. Em certo momento, **o passado, presente e futuro se juntaram em um só axé** e o Rei Zumbi **uniu suas forças** com a energia da roda do universo e...vuuuum, deu um salto mortal! Quando voltou ao chão, uma linda estrela cheia de luz estava em frente seus olhos!!! Todos perceberam que essa era a estrela do caxixi da esperança e cantaram:

Ó minha estrela, me faz sonhar,

Com o caxixi da esperança, pra eu levar...

Muitas sementes de Angola, vou cultivar

A minha vida de luz: capoeira!



Então, a estrela se abriu e começaram a cair sementinhas de luz por todo os lados. E o povo começou a catar sementes sem parar. No ar, pelo chão, os bolsos e as trouxas ficaram cheinhos e enquanto isso a estrela ia se afastando para visitar outras bandas. **Todos estavam vibrando de emoção!**

Fizeram meia volta ainda um pouco atordoados de alegria por terem sido tão abençoados com tantas sementes de esperança. Mas quando chegaram perto da aldeia, entrando no vale, o dia começou a ficar claro e o peso das sementes nos bolsos e sacolas tinha desaparecido! Começaram a suspeitar que foram roubados: “Mas como se não encontramos ninguém pelo caminho? Valeu a pena tudo que fizemos? As sementes eram apenas ilusão?”

Rei Zumbi então sentiu em seu coração que o guardião da serra estava lhe enviando uma mensagem e decidiu compartilhar com os demais: “Povo de Palmares, devemos aprender com nossa jornada: as sementes do caxixi da esperança **estão dentro de nós**. Podem roubar nosso dinheiro, nossa casa e até nosso corpo, mas não podem nos roubar nossa esperança nunca mais!”

- Isso é muito bonito. Mas continuaremos passando sede e fome sem essas sementes! Você prometeu que não precisaríamos deixar nossa terra para sobreviver! gritaram alguns.

Ainda escutando a mensagem do guardião da serra, Zumbi disse:

- Vocês não lembram das sementes que o Deus do Infinito colocou no primeiro caxixi do mundo, quando criou a tribo dos humanos? Somos todos sementes da mesma mata, que possui raiz no mesmo chão. Alimentados pelo mesmo sopro e a mesma luz do céu. Temos dentro de nós a semente do caxixi da esperança. Uma vez partilhada a sabedoria da semente vermelha, a da semente amarela, a da semente negra e a da semente branca, um novo povo nascerá. O povo dourado! O povo que vai nascer da união das quatro sementes e pode superar qualquer dificuldade! Nós somos esse povo!!!

Foi então que uma criança falou:

- Vamos plantar esse sonho nesta terra. Até que ele floresça.

5 CHUVA!

- Isso mesmo, disse Zumbi, vamos plantar as reservas que temos e trabalhar dignamente. De noite, nos reuniremos para comer, rezar e jogar capoeira. Sem dúvida, nossas sementes de esperança germinarão e brotarão todos nossos sonhos.



A partir daquele momento, uma chama ardeu no coração de cada pessoa da tribo humana e em alguns dias, finalmente a chuva chegou. A cachoeira encheu e as crianças podiam até pular de cabeça das pedras de cima. Nos campos, os bananais cresceram e a mata parecia um muzambo de novo. A vida daquele povo evoluiu e os filhos e netos que chegaram tinham uma pele diferente- meio dourada!

Zumbi, toda lua cheia, reunia os jovens para conversar com os mais velhos sobre as sementes do caxixi da esperança. Elas estão dentro de nós, mas só podemos usá-las quando vivemos um pelo outro, vivemos em comunidade dentro da diversidade!

* Esse conto foi escrito por Nelson Avella com contribuições e revisão de Ute Craemer e ilustrações de Luana Rotermund.